

**ISTO
COMEÇA
AQUI**
**COLLEEN
HOOVER**

**TOP
SEL
LER**

A IMPERDÍVEL SEQUELA DE *ISTO ACABA AQUI*

NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Este livro é uma sequência de *Isto Acaba Aqui* e começa exatamente onde o primeiro livro termina. Para uma melhor experiência de leitura, *Isto Começa Aqui* deve ser lido depois do primeiro desta série de dois livros.

Depois de publicar *Isto Acaba Aqui*, nunca imaginei que um dia estaria a escrever uma sequência. Nunca imaginei que o livro fosse tão bem recebido por tanta gente. Estou muito grata a todos os que consideraram a história da Lily tão empoderadora como eu considero a da minha mãe.

Devido ao impulso que *Isto Acaba Aqui* ganhou graças ao *TikTok*, fui inundada com pedidos para mais Lily e Atlas. E como podia eu dizer que não a uma comunidade que mudou a minha vida? Escrevi este romance como forma de agradecimento pelo tremendo apoio e, por isso mesmo, quis oferecer-vos uma experiência muito mais leve.

A Lily e o Atlas merecem-no.

Espero que desfrutem da sua jornada.

Com todo o meu amor,

Colleen Hoover

CAPÍTULO UM

ATLAS

O erro ortográfico no palavrão *ass whole*¹ escrito a tinta vermelha na porta das traseiras do Bib's faz-me pensar na minha mãe.

Ela inseria sempre uma breve pausa entre as sílabas, fazendo uma palavra soar como se fossem duas. De cada vez que a ouvia, dava-me vontade de rir, mas era difícil encontrar o humor subjacente quando era criança, já que era sempre eu o recipiente do violento insulto.

— Ass... *whole* — murmura o Darin. — Só pode ter sido um miúdo. A maior parte dos adultos não dá erros a escrever essa palavra.

— Não seria de estranhar. — Toco na tinta, mas não se me cola aos dedos. Isto deve ter sido feito assim que fechámos ontem à noite.

— Achas que foi de propósito? — pergunta ele. — Estarão a sugerir que és tão cara de cu que és um *completo cu*?

— Porque é que partes do princípio de que o alvo era eu? Podias ser tu ou o Brad.

— O restaurante é teu. — O Darin tira o casaco e usa-o para arrancar um grande estilhaço de vidro da janela. — Pode ter sido um empregado descontente.

¹ O palavrão em inglês escreve-se *asshole*, que se pode traduzir por «cara de cu». *Ass whole* é uma deturpação da palavra com base no som, mas dessa forma ganha um novo significado, significando «um completo cu». [N.T.]

— Eu tenho empregados descontentes? — Não consigo imaginar uma única pessoa que trabalhe para mim a fazer uma coisa destas. A última pessoa que dispensei foi há 5 meses, e ela saiu a bem, depois de ter concluído uma licenciatura.

— Havia aquele tipo que lavava pratos antes de contratares o Brad. Como é que ele se chamava? Tinha o nome de um mineral, ou coisa parecida. Era muito estranho.

— Quartz — respondo. — Era uma alcunha. — Já quase não me lembrava dele, e duvido que tenha guardado algum ressentimento contra mim depois deste tempo todo. Despedi-o pouco depois de abrirmos, porque descobri que não lavava os pratos, a menos que tivessem comida lá pegada. Copos, pratos, talheres... tudo o que viesse de uma mesa para a cozinha e parecesse limpo ia diretamente para a prateleira de secagem.

Se não o tivesse despedido, a Inspeção Sanitária tinha-nos fechado a porta à conta dele.

— Devias chamar a polícia — diz o Darin. — Temos de apresentar queixa, por causa do seguro.

Antes de eu objetar, o Brad aparece à porta das traseiras, espezinhando o vidro partido. O Brad tem estado lá dentro a fazer o inventário, para ver se roubaram alguma coisa. Coça a barba rala no queixo.

— Levaram os *croutons*.

Segue-se uma pausa de confusão.

— Disseste *croutons*? — tenta clarificar o Darin.

— Sim. Levaram todos os *croutons* que foram preparados ontem à noite. Mas parece que não falta mais nada.

Não era de todo o que eu estava à espera de ouvir. Se alguém assalta um restaurante e não leva equipamentos ou outras coisas de valor, o mais provável é que o faça por ter fome. Conheço esse tipo de desespero em primeira mão.

— Não vou apresentar queixa.

— Porquê? — pergunta o Darin, virando-se para mim.

— Podem apanhar quem o fez.

— É essa a ideia.

Tiro uma caixa vazia do contentor do lixo e começo a apanhar estilhaços de vidro.

— Uma vez assaltei um restaurante. Roubei uma sandes de peru.

Agora tanto o Brad como o Darin estão a olhar para mim.

— Estavas bêbedo? — pergunta o Darin.

— Não. Tinha fome. Não quero que ninguém seja preso por roubar *croutons*.

— Está bem, mas a comida pode ter sido só o início. E se vierem buscar os equipamentos? — questiona o Darin. — A câmara de vigilância ainda está avariada?

Há meses que ele me chateia para a mandar reparar.

— Tenho andado ocupado.

O Darin tira-me a caixa de vidros da mão e começa a apanhar os cacos que faltam.

— Devias tratar disso antes que eles voltem. Caramba, esta noite até podem tentar assaltar o Corrigan's, visto que o Bib's foi um alvo tão fácil.

— O Corrigan's tem o sistema de vigilância a funcionar. E duvido que, quem quer que fosse, vá vandalizar o meu restaurante novo. Foi uma questão de conveniência, não um assalto premeditado.

— Esperas tu — diz o Darin.

Abro a boca para responder, mas sou interrompido por uma mensagem de texto. Acho que nunca peguei no telemóvel tão depressa. Quando vejo que a mensagem não é da Lily, desanimo um pouco.

Encontrei-a por acaso esta manhã, quando andava a tratar de assuntos. Foi a primeira vez que nos vimos num ano e meio, mas ela estava atrasada para o trabalho e eu tinha acabado de receber a mensagem do Darin a dar-me conta do assalto. Separámo-nos de modo um pouco constrangedor, com a promessa de que ela me enviaria uma mensagem assim que chegasse ao trabalho.

Já passou uma hora e meia e ainda não tive notícias dela. Uma hora e meia não é nada, mas não posso ignorar o incómodo

no meu peito, tentando convencer-me de que ela está com dúvidas acerca de tudo o que foi dito entre nós naquela conversa de cinco minutos no passeio.

Pelo meu lado, não tenho dúvidas nenhuma acerca do que *eu* disse. Posso ter ficado empolgado pelo momento — ao ver como ela estava feliz e descobrir que já não está casada. Mas fui sincero em todas as palavras que lhe disse.

Estou pronto para isto. *Mais* do que pronto.

Procuro o contacto dela no meu telemóvel. Tantas vezes quis mandar-lhe uma mensagem ao longo do último ano e meio, mas da última vez que falei com ela deixei a bola do seu lado. Com tanta coisa a acontecer na sua vida, eu não queria complicar-lha ainda mais.

Mas agora ela está solteira e deu a entender que está finalmente preparada para dar uma oportunidade ao que quer que possa existir entre nós. Contudo, teve uma hora e meia para pensar na nossa conversa, e uma hora e meia é muito tempo para criar arrependimentos. Cada minuto que passar sem uma mensagem vai parecer um dia inteiro.

Ainda tenho o contacto dela gravado como Lily Kincaid, por isso edito-o e torno a mudar o apelido para Bloom.

Sinto o Darin a pairar por ali, olhando por cima do meu ombro para o ecrã do meu telemóvel.

— Essa é a *nossa* Lily?

O Brad anima-se.

— Ele está a mandar mensagens à Lily?

— *Nossa* Lily? — pergunto, confuso. — Vocês só a viram uma vez.

— Ela ainda está casada? — pergunta o Darin.

Abano a cabeça.

— Ainda bem para ela — diz ele. — Estava grávida, não era? O que é que teve? Menino ou menina?

Não quero falar sobre a Lily porque ainda não há nada para dizer. Não quero fazer disto mais do que pode vir a ser.

— Uma menina, e essa é a última pergunta a que respondo. — Olho para o Brad. — O Theo vem hoje?

— É quinta-feira. Há de aparecer.

Entro no restaurante. Se falar do assunto da Lily com alguém, será com o Theo.

CAPÍTULO DOIS

LILY

Ainda tenho as mãos a tremer, apesar de já terem passado quase duas horas desde que me cruzei com o Atlas. Não sei se tremo porque estou agitada ou porque ainda não tive tempo para comer desde que entrei aqui. Mal tive cinco segundos de sossego para processar o que aconteceu esta manhã, quanto mais para comer o pequeno-almoço que trouxe comigo.

Isto aconteceu realmente? Perguntei mesmo ao Atlas todas aquelas coisas tão embaraçosas que me vão deixar mortificada até ao ano que vem?

Mas ele não me pareceu constrangido. Pareceu-me muito feliz por me ver e, quando me abraçou, tive a sensação de que uma parte adormecida de mim ganhou vida subitamente.

Mas só agora é que tive um momento até para ir à casa de banho e, depois de me ver ao espelho, só me apetece chorar. Estou cheia de nódoas, tenho cenouras espalhadas pela blusa, o verniz das unhas está estalado desde janeiro, por aí.

Não que o Atlas espere ou queira perfeição. Mas, das inúmeras vezes que me imaginei a esbarrar com ele, em nenhuma dessas fantasias eu aparecia a meio de uma manhã caótica, meia hora depois de ser o alvo de uma criança de 11 meses com uma mão cheia de comida de bebé.

Ele estava tão bonito. Cheirava tão bem.

Eu devo estar a cheirar a leite materno.

Estou tão nervosa com o possível significado do nosso encontro fortuito, que demorei o dobro do tempo a organizar tudo para o motorista das entregas esta manhã. Ainda nem vi as novas encomendas no nosso site. Olho-me uma última vez ao espelho, mas tudo o que vejo é uma mãe solteira com excesso de trabalho.

Saio da casa de banho e volto para a caixa. Tiro uma nota de encomenda da impressora e começo a escrever o cartão. A minha mente nunca esteve mais necessitada de distração, por isso dou-me por satisfeita por ser uma manhã atarefada.

A encomenda é de um ramo de rosas para alguém que se chama Greta, de alguém chamado Jonathan. O texto é: «*Peço desculpa pela noite passada. Perdoas-me?*»

Resmungo. Flores com pedidos de desculpa são o género de bouquet que menos gosto de fazer. Fico sempre obcecada, a pensar nas razões que estão por trás. Terá faltado ao encontro romântico? Terá chegado atrasado a casa? Terão discutido?

Ter-lhe-á batido?

Por vezes, apetece-me escrever o número do abrigo local para vítimas de violência doméstica no cartão, mas tenho de me recordar que nem todos os pedidos de desculpa estão relacionados com algo tão horrível como aquilo a que os pedidos de desculpa que eu costumava receber se referiam. Talvez o Jonathan seja amigo da Greta e esteja a tentar animá-la. Talvez seja seu marido e tenha levado uma brincadeira longe demais.

Qualquer que seja a razão para as flores, espero que sejam um bom sinal. Introduzo o cartão no envelope e colo-o ao ramo de rosas. Depois de o colocar na prateleira das entregas, estou a verificar a encomenda seguinte quando recebo uma mensagem.

Atiro-me ao telefone como se a mensagem estivesse prestes a autodestruir-se e eu só dispusesse de três segundos para a ler. Estremeço ao olhar para o ecrã. Não é do Atlas, é do Ryle.

Ela pode comer batatas fritas?

Escrevo uma resposta rápida.

Das caseiras.

Pouso o telefone no balcão com força. Não gosto que ela coma batatas fritas muitas vezes, mas o Ryle só fica com ela um ou dois dias por semana, por isso tento dar-lhe alimentos mais nutritivos quando está comigo.

Foi bom não pensar no Ryle por alguns minutos, mas a mensagem recorda-me da existência dele. E enquanto ele existir temo que qualquer género de relacionamento, ou mesmo uma amizade entre mim e o Atlas, *não* possa acontecer. Como é que o Ryle irá reagir se eu começar a sair com o Atlas? Como iria agir se alguma vez tivessem de estar juntos?

— Talvez eu esteja a pôr a carroça à frente dos bois.

Olho para o telefone, perguntando-me o que devo dizer ao Atlas. Tinha-lhe dito que lhe enviava uma mensagem quando chegasse à loja, mas ainda antes de abrir já cá estavam clientes à espera. E agora que o Ryle enviou uma mensagem, apercebi-me de que ele também faz parte deste cenário, o que me deixa hesitante em relação a enviar uma mensagem ao Atlas.

A porta da loja abre-se e finalmente entra a minha funcionária Lucy. Parece sempre tão composta, mesmo quando se percebe que está de mau humor.

— Bom dia, Lucy.

Ela sacode o cabelo da frente dos olhos e poussa a mala no balcão com um suspiro.

— Será?

A Lucy não está no seu estado mais simpático de manhã. É por isso que sou eu ou a Serena, a minha outra funcionária, que normalmente trabalhamos na caixa pelo menos até às 11 horas, enquanto ela faz arranjos na parte de trás. Ela lida muito melhor com os clientes depois de uma chávena de café... ou cinco.

— Acabei de descobrir que os nossos cartões de lugar não chegaram porque foram descontinuados, e já não temos tempo para encomendar outros. O casamento é daqui a menos de *um mês*!

Tanta coisa correu mal nos preparativos para este casamento que quase me apetece dizer-lhe que não avance. Mas não sou supersticiosa. Espero que ela também não seja.

— Os cartões de lugar artesanais estão na moda — sugiro.

A Lucy revira os olhos.

— Odeio trabalhos manuais — murmura. — Neste momento, já nem quero um casamento. Parece que passámos mais tempo a planeá-lo do que a namorar. — *É bem verdade.* — Às tantas, cancelamos e vamos a Vegas. Tu fugiste para casar, não foi? Estás arrependida?

Não sei por onde começar a responder.

— Como é que podes odiar trabalhos manuais? Trabalhas numa florista. E sou divorciada; é claro que estou arrependida. — Entrego-lhe uma pequena pilha de encomendas de que ainda não tratei. — Mas *foi* divertido — admito.

Quando a Lucy vai para as traseiras para tratar do resto das encomendas, volto a pensar no Atlas. *E no Ryle.* E no Armagedom, que é o que me parece que está a acontecer no meu cérebro quando penso neles os dois.

Não imagino como é que isto possa vir a funcionar. Quando eu e o Atlas nos encontrámos, foi como se tudo o resto se desvanecesse, incluindo o Ryle. Mas agora o Ryle recomeça a infiltrar-se nos meus pensamentos. Não da forma como o Ryle ocupava a minha mente antigamente, mas mais como se fosse um obstáculo na estrada. A minha vida amorosa enveredou finalmente por um caminho a direito, sem lombas nem curvas, basicamente porque foi praticamente inexistente no último ano e meio, mas a sensação que tenho agora é a de que só tenho terreno acidentado e obstáculos e penhascos à minha frente.

Valerá a pena? É claro que o *Atlas* vale a pena.

Mas e *nós*, valeremos a pena? Teremos o potencial para nos transformarmos em algo que compense o stress que isso inevitavelmente trará a todas as outras áreas da minha vida?

Há muito tempo que não me sentia perante um dilema tão grande. Uma parte de mim tem vontade de ligar à Allysa e contar-lhe que encontrei o Atlas, mas a verdade é que não posso. Ela sabe o que o Ryle sente por mim. Sabe como ele se sentiria se eu trouxesse o Atlas para cena.

Não posso falar com a minha mãe, porque é a minha mãe. Por muito que nos tenhamos aproximado ultimamente, nunca discutiria a minha vida amorosa com ela.

Na verdade, há apenas uma mulher com quem me sinto à vontade para falar do Atlas.

— Lucy?

Ela aparece lá de trás, tirando um auscultador do ouvido.

— Precisas de mim?

— Substituis-me aqui por um momento? Preciso de ir tratar de um assunto. Volto daqui a uma hora.

Ela vai para trás do balcão e eu pego na mala. Não tenho muito tempo só para mim, agora que tenho a Emerson, por isso, de vez em quando, roubo uma hora aqui e ali ao trabalho semanal, quando tenho alguém para me substituir na loja.

Por vezes, gosto de me concentrar nos meus pensamentos, e é impossível fazê-lo na presença de uma criança, porque mesmo quando, ela está a dormir eu mantenho-me em modo mãe. E, com o constante fluxo de tráfego no trabalho, é raro encontrar um bocadinho de paz sem ser interrompida.

Descobri que ficar sozinha no meu carro com a minha música e, ocasionalmente, uma sobremesa da Cheesecake Factory é, por vezes, o suficiente para resolver os nós do meu cérebro.

Quando estaciono com uma vista desimpedida para o porto de Boston, reclino o banco e pego no caderno e na caneta que trouxe comigo. Não sei se isto ajuda tanto como acontece por vezes com a sobremesa, mas preciso de libertar os meus pensamentos da mesma maneira que fazia no passado. Este método já me ajudou quando precisei que as coisas encaixassem no seu lugar. No entanto, desta vez, só espero que as coisas não desmomonem por completo.

Querida Ellen,

Adivinha quem voltou?

Eu.

E o Atlas.

Os dois.

Esbarrei com ele quando ia ao encontro do Ryle com a Emmy esta manhã. Foi tão bom vê-lo. Mas, por mais reconfortante que fosse vê-lo e saber em que posição nos encontramos nas nossas vidas, acabou de uma forma um pouco desastrosa. Ele tinha uma pequena emergência no restaurante e estava com pressa; eu já ia atrasada para abrir a loja. Separámo-nos com a promessa de que lhe enviaria uma mensagem.

Eu quero enviar-lhe uma mensagem. Quero. Sobretudo porque vê-lo me recordou da falta que me faz aquilo que sinto quando estou perto dele.

Não tinha percebido o quanto me sentia solitária antes daqueles poucos minutos com ele esta manhã. Mas desde que eu e o Ryle nos divorciámos... ah, espera.

Uau. Não te falei do divórcio.

Há muito tempo que não te escrevia. Deixa-me atualizar-te.

Depois do nascimento da Emmy, decidi que a minha separação do Ryle devia ser permanente. Pedi-lhe o divórcio assim que ela nasceu. Não procurei ser cruel ao escolher esse momento, apenas não sabia qual era a minha escolha até a segurar nos meus braços e saber com cada fibra do meu ser que faria tudo o que fosse necessário para quebrar o ciclo do abuso.

Sim, pedir um divórcio dói. Sim, eu estava destroçada. Mas não, não me arrependo. A minha escolha ajudou-me a perceber que, por vezes, as decisões mais difíceis que uma pessoa toma são as que têm os melhores resultados.

Não posso mentir e dizer que não sinto falta dele, porque sinto. Sinto falta daquilo que por vezes éramos. Sinto falta da família que podíamos ter sido para a Emerson. Mas sei que tomei a decisão certa, apesar de por vezes ficar assoberbada com o peso disto tudo. É difícil, porque ainda tenho de interagir com o Ryle. Ele ainda possui todas as boas qualidades pelas quais me apaixonei, e agora, que já não tenho uma relação com ele, é raro ver o lado negativo que acabou por destruir o nosso

casamento. Acho que isso tem que ver com o facto de ele apresentar o seu melhor comportamento. Teve de ser agradável e não dar muita luta, porque sabia que eu podia ter feito queixa dele pelos incidentes de violência doméstica que vivi às suas mãos. Ele podia ter perdido muito mais do que a mulher, por isso, quando se tratou do acordo de guarda, as coisas foram mais amigáveis do que eu esperava.

Pode ter sido porque eu dei menos luta do que ele. A minha advogada foi muito franca quando eu lhe disse que queria a guarda total. A menos que eu quisesse lavar roupa suja num tribunal, não podia fazer muito para evitar que o Ryle tivesse visitas com a Emerson. E mesmo que quisesse denunciar a violência doméstica, a minha advogada disse que é muito raro que um pai de sucesso e sem cadastro, que dá apoio económico, veja qualquer tipo de direito ser-lhe retirado.

Eu tinha duas opções. Podia optar por fazer queixa e arrastar tudo aquilo nos tribunais, para provavelmente não conseguir mais do que uma guarda partilhada; ou podia tentar negociar um acordo com o Ryle que satisfizesse os dois, preservando a nossa coparentalidade.

Acho que se pode dizer que chegámos a um compromisso, apesar de não haver qualquer acordo no mundo que me fizesse sentir confortável ao deixar a minha filha com alguém que sei que tem mau génio. Mas a única coisa que posso fazer é escolher o menor de dois males em relação à custódia e esperar que a Emmy nunca veja esse lado dele.

Quero que a Emmy crie uma ligação com o pai. Nunca quis tirá-la. Só quero garantir que está em segurança, e foi por isso que supliquei ao Ryle que concordasse com visitas diurnas durante os primeiros dois anos. Nunca lhe disse diretamente que é porque não sei se confio completamente nele em relação a ela. Acho que me desculpei com o facto de estar a amamentar e de ele estar sempre de serviço, mas lá no fundo tenho a certeza de que ele sabe porque é que nunca quis que ela passasse uma noite com ele.

Os abusos passados são algo de que não falamos. Falamos sobre a Emmy, falamos de trabalho, colamos sorrisos quando estamos com a nossa filha. Por vezes, isto parece forçado e falso, pelo menos da minha parte, mas é melhor do que podia ter sido se o tivesse levado a tribunal e perdido. Fingirei um sorriso até ela ter 18 anos, se isso significar que não tenho de partilhar a guarda e eventualmente expor a minha filha às piores partes do seu pai numa base mais regular.

Até agora tem resultado, se não contarmos com a ocasional manipulação e sedução indesejada da parte dele. Por mais claros que eu tenha deixado os meus sentimentos durante o divórcio, ele ainda tem esperança em nós. Por vezes, diz coisas que indicam que ainda não desistiu completamente da ideia de nós os dois. Temo que uma enorme parte da cooperação do Ryle se baseie na noção de que vai acabar por me reconquistar, se for bastante bonzinho por bastante tempo. Meteu na cabeça que eu vou amolecer com o tempo.

Mas a vida não vai acontecer assim, Ellen. Eu acabarei por avançar e, para ser honesta, espero acabar por avançar na direção do Atlas. É demasiado cedo para saber se isso é uma possibilidade, mas tenho a certeza de que nunca avançarei na direção do Ryle, por mais tempo que passe.

Há quase um ano que pedi o divórcio ao Ryle, mas já se passaram quase 19 meses desde a discussão que acabou por causar a nossa separação. O que significa que estou solteira há mais de um ano e meio.

Um ano e meio de separação entre potenciais relacionamentos parece muito tempo, e talvez fosse, se se tratasse de outra pessoa e não do Atlas. Mas como é que eu posso fazer isto funcionar? E se eu enviar uma mensagem ao Atlas e ele me convidar para almoçar? E se o almoço correr maravilhosamente, coisa que estou certa de que irá acontecer, e o almoço levar ao jantar? E se o jantar nos levar ao ponto em que ficámos quando éramos mais novos? E se depois estivermos os dois felizes e voltarmos a apaixonar-nos e ele se tornar uma parte permanente da minha vida?

Eu sei que parece que estou a pôr a carroça à frente dos bois, mas é do Atlas que estamos a falar. A menos que ele tenha feito um transplante de personalidade, acho que tanto tu como eu sabemos como é fácil para mim amar o Atlas, Ellen. É por isso que estou tão hesitante, porque tenho medo de que resulte.

E se resultar, como é que o Ryle se vai sentir com a minha nova relação? A Emerson tem quase um ano, e passámos este ano todo sem muito drama, mas sei que é porque encontramos um bom fluxo que nada interrompeu. Então porque é que sinto que qualquer menção ao Atlas pode causar um tsunami?

Não que o Ryle mereça a preocupação que sinto agora quanto a esta situação, mas ele tem o potencial de transformar a minha vida amorosa num inferno. Porque é que o Ryle ainda ocupa uma parede inteira nas minhas muitas camadas de pensamentos? É a sensação que dá — como se estas coisas maravilhosas acontecessem, mas, quando começam a ser absorvidas, acabam por chegar a uma parte de mim que ainda está a tomar decisões baseadas no Ryle e nas suas eventuais reações.

As suas reações são o que temo mais. Quero ter esperança de que ele não fique ciumento, mas vai ficar. Se eu começar a sair com o Atlas, ele vai tornar tudo difícil para toda a gente. Embora saiba que o divórcio foi a escolha certa, essa escolha ainda acarreta consequências. E uma delas é que o Ryle vai sempre olhar para o Atlas como a causa do fim do nosso casamento.

O Ryle é o pai da minha filha. Seja quem for o homem que entre ou saia da minha vida de agora em diante, o Ryle é uma constante que terei sempre de apaziguar, se quiser que a minha filha tenha uma experiência pacífica. E se o Atlas Corrigan voltar à minha vida, o Ryle nunca será apaziguado.

Quem me dera que pudesses dizer-me que decisão tomar. Deverei sacrificar aquilo que sei que me faria feliz só para evitar a inevitável perturbação que a presença do Atlas iria causar?

Ou deverei ficar para sempre com um buraco em forma de Atlas no meu coração, a menos que permita que ele o ocupe?

Ele está à espera de uma mensagem minha, mas acho que preciso de mais tempo para processar isto. Nem sequer sei o que hei de dizer-lhe. Não sei o que fazer.

Logo te digo, se chegar a alguma conclusão.

Lily

CAPÍTULO TRÊS

ATLAS

— «Chegámos finalmente *à margem*»? — diz o Theo. — Disseste-lhe mesmo isso? Em voz alta?

Remexo-me desconfortavelmente no sofá.

— Criámos uma ligação a ver o *À Procura de Nemo*, quando éramos mais jovens.

— Citaste um *filme de animação*. — O Theo revirou a cabeça de forma dramática. — E não resultou. Já passaram mais de 8 horas desde que a encontrei, e ela ainda não deu notícias.

— Se calhar, tem estado ocupada.

— Ou talvez tu tenhas entrado com ela a pés juntos — diz o Theo, inclinando-se para a frente. Cruza as mãos entre os joelhos e volta ao assunto. — Pronto, então o que é que aconteceu depois de dizeres as frases pirosas?

Ele é brutal.

— Nada. Tivemos de ir trabalhar. Perguntei se ela ainda tinha o meu número e ela disse que o sabia de cor, e depois despedi...

— Espera aí — interrompe o Theo. — Ela sabe o teu número *de cor*?

— Parece que sim.

— Muito bem. — Ele parece esperançoso. — Isso significa alguma coisa. Já ninguém sabe números de cor.

Eu estava a pensar a mesma coisa, mas também me perguntava se ela teria decorado o número por outras razões.

Quando eu o escrevi e guardei na capa do telefone dela, era para uma emergência. Talvez uma parte dela temesse o dia em que viria a precisar do número e o tivesse decorado por razões completamente alheias a mim.

— Então, o que é que eu faço? Envio-lhe uma mensagem? Telefono-lhe? Espero que ela entre em contacto?

— Só passaram 8 horas, Atlas. Tem calma.

Os conselhos dele estão a deixar-me tonto.

— Há dois minutos, parecia que 8 horas sem uma mensagem era muito tempo. Agora dizes-me que tenha calma?

O Theo encolhe os ombros e depois dá um pontapé na minha secretária para fazer girar a cadeira.

— Tenho 12 anos. Ainda nem sequer tenho telemóvel, e tu queres a minha opinião sobre a etiqueta das mensagens?

Surpreende-me que ele ainda não tenha telemóvel. O Brad não tem ar de ser um pai severo.

— Porque é que não tens telemóvel?

— O pai diz que só posso ter um quando fizer 13 anos. Faltam dois meses — diz ele, desejoso.

Desde que o Brad foi promovido, há seis meses, o Theo começou a vir ao restaurante alguns dias por semana depois das aulas. Disse-me que quer ser psicólogo quando for grande, por isso deixo-o praticar comigo. Ao início, as nossas conversas eram para benefício dele. Mas ultimamente sinto que tenho sido eu a sair a ganhar.

O Brad espreita para o meu gabinete à procura do filho.

— Anda embora. O Atlas tem de trabalhar. — Faz um gesto para mandar o Theo levantar-se, mas ele continua a girar na minha cadeira.

— Foi o Atlas que me chamou. Precisava de conselhos.

— Nunca conseguirei compreender isto — diz o Brad, apontando para mim e para o Theo. — Que conselhos é que o meu filho te dá? Como evitar os trabalhos de casa e ganhar no *Minecraft*?

O Theo levanta-se e estica os braços por cima da cabeça.

— Sobre raparigas, na verdade. E o objetivo do *Minecraft* não é ganhar, pai. É mais um jogo interativo. — O Theo olha-me por cima

do ombro à saída do meu gabinete. — Manda-lhe uma mensagem e pronto. — Di-lo como se fosse uma solução óbvia. Talvez seja.

O Brad puxa-o para fora da porta.

Volto a instalar-me à secretária e olho para o ecrã em branco do telemóvel. *Talvez ela tenha memorizado o número errado.*

Abro o contacto dela e hesito. O Theo é capaz de ter razão. A minha abordagem esta manhã foi demasiado forte. Não falámos muito quando nos encontrámos, mas o que dissemos teve significado e intenção. Talvez isso a tenha assustado.

Ou... talvez eu esteja certo e ela tenha memorizado o número errado.

Os meus dedos pairam sobre o teclado do telemóvel. Quero escrever-lhe uma mensagem, mas não a quero pressionar. No entanto, tanto ela como eu sabemos que as nossas vidas teriam sido diferentes se eu não tivesse dado tantos passos errados em relação a ela no passado.

Passei anos sob o pretexto de que minha vida não era suficientemente boa para que a Lily fizesse parte dela, mas ela sempre se encaixou. Sempre se encaixou na perfeição. Desta vez, recuso-me a deixá-la partir sem um pouco mais de esforço da minha parte. Vou começar por me assegurar de que tem o meu número certo.

Foi bom voltar a ver-te hoje, Lily.

Fico à espera, para ver se ela me responde. Quando vejo os três pontinhos, sustenho a respiração.

A ti também.

Contemplo a resposta dela durante demasiado tempo, esperando que chegue mais texto. Mas não chega. É só isto.

São apenas três palavras, mas eu sei ler nas entrelinhas.

Suspiro, derrotado, e pouso o telemóvel na secretária.

CAPÍTULO QUATRO

LILY

A minha situação com o Ryle não tem sido convencional desde que a Emerson nasceu. Duvido que muitos casais preencham os papéis do divórcio ao mesmo tempo que preenchem a certidão de nascimento de um filho.

Por mais que eu estivesse desiludida com o Ryle por ter sido o responsável pela minha decisão de acabar com o casamento, não queria impedi-lo de criar uma ligação com a nossa filha. Colaboro o mais que posso com ele, visto o seu horário ser tão caótico. Por vezes, até levo a Emmy ao trabalho dele, para que a veja no intervalo do almoço.

Ele tem a chave do meu apartamento desde antes de a Emerson nascer. Só lha dei porque vivia sozinha e tinha medo de entrar em trabalho de parto e ele precisar de entrar. Mas ele nunca me devolveu a chave depois do nascimento dela, embora tenha andado para lha pedir. Por vezes, usa-a, nas raras ocasiões em que tem uma cirurgia que demora até tarde e tem tempo livre para passar com a Emmy de manhã depois de eu ir para o trabalho. Por isso é que ainda não lha pedi. Mas ultimamente tem usado a chave para levar a Emmy a casa.

Há pouco, enviou-me uma mensagem mesmo antes de eu fechar a loja a dizer que a Emmy estava cansada e que por isso ia levá-la para a minha casa e deitá-la. A frequência com que tem usado a chave ultimamente faz-me pensar se é só com a Emmy que ele está a tentar passar mais tempo.

Quando finalmente chego ao meu apartamento, encontro a porta destrancada. O Ryle está na cozinha. Ergue o olhar para mim quando ouve a porta a fechar-se.

— Trouxe jantar — diz ele, mostrando um saco do meu restaurante tailandês favorito. — Ainda não comeste, pois não?

Isto não me agrada. Ele está a pôr-se cada vez mais à vontade cá em casa. Mas o dia de hoje já me deixou emocionalmente exausta, por isso abano a cabeça e decido enfrentar o problema noutra altura.

— Ainda não. Obrigada. — Pouso a mala em cima da mesa e saio da cozinha, dirigindo-me ao quarto da Emmy.

— Acabei de a deitar — avisa ele.

Paro e encosto o ouvido à porta do quarto. Há silêncio, por isso afasto-me da porta e dirijo-me à cozinha sem a acordar.

Sinto-me horrível em relação à resposta curta que dei ao Atlas há pouco, mas esta interação com o Ryle confirma todas as minhas preocupações. Como poderei começar algo com alguém quando o meu ex ainda me traz o jantar e tem a chave do meu apartamento?

Preciso de estabelecer limites firmes com o Ryle antes sequer de começar a acalentar a ideia do Atlas.

O Ryle escolhe uma garrafa de vinho da estante de vinhos.

— Importas-te que abra esta?

Encolho os ombros enquanto me sirvo de *pad thai*.

— Podes abrir, mas eu não vou beber.

O Ryle guarda a garrafa e opta por um copo de chá. Eu vou buscar uma água ao frigorífico e sentamo-nos os dois à mesa.

— Como é que ela esteve hoje? — pergunto-lhe.

— Um bocadinho rabugenta, mas eu tinha muitas coisas para tratar. Acho que ficou cansada de entrar e sair da cadeirinha do carro. Melhorou quando fomos para a casa da Allysa.

— Quando é a tua próxima folga? — pergunto-lhe.

— Ainda não tenho a certeza. Depois digo-te. — Estende o braço e, com o polegar, limpa qualquer coisa na minha bochecha. Estremeço um pouco, mas ele não repara. Ou talvez finja não reparar. Não tenho a certeza se ele percebe que a minha reação sempre

que a mão dele se aproxima de mim é negativa. Conhecendo o Ryle, provavelmente pensa que estremecei porque senti alguma química.

Depois de a Emmy nascer, houve um ou outro momento em que eu senti alguma química entre nós. Quando ele dizia ou fazia alguma coisa querida, ou quando cantava para a Emmy quando a tinha no colo, eu sentia aquele familiar desejo por ele a ferver dentro de mim. Mas arranjei sempre maneira de me retirar desse momento. Basta uma má recordação para amortecer quaisquer sentimentos fugazes que tenha na sua presença.

Tem sido uma longa estrada acidentada, mas esses sentimentos deixaram finalmente de existir.

Atribuo isso à lista que escrevi com todas as razões para ter escolhido divorciar-me dele. Por vezes, depois de ele se ir embora, vou para o meu quarto e leio-a, para confirmar que esta foi a melhor decisão para todos nós.

Bem. Talvez não esta *exata* decisão. Ainda gostaria de ter a minha chave de volta.

Estou prestes a meter mais uma garfada de *noodles* na boca quando ouço um apito abafado vindo da minha mala do outro lado da mesa. Largo o garfo e estendo a mão para o telefone rapidamente, antes que o Ryle o faça. Não que ele leia as minhas mensagens, mas a última coisa que quero neste momento é que tente ser delicado entregando-me o telemóvel. Podia ver que a mensagem é do Atlas, e eu não estou preparada para a tempestade que isso haveria de provocar.

Mas a mensagem não é do Atlas. É da minha mãe. Está a enviar-me as fotografias da Emmy que tirou esta semana. Pouso o telemóvel e pego no garfo, mas o Ryle está de olhos postos em mim.

— Era a minha mãe — digo. Nem sei porque o digo. Não lhe devo qualquer explicação, mas não me agrada a maneira como me olha.

— Quem é que *estavas à espera* de que fosse? Atiraste-te praticamente para cima da mesa para pegares no telemóvel.

— Ninguém. — Bebo um gole. Não faço ideia se o Ryle consegue ler-me bem ou não, mas parece ter percebido que estou a mentir.

Ele revira o garfo nos *noodles* e baixa o olhar para o prato, com o maxilar rígido.

— Andas a sair com alguém? — A voz dele agora tem uma pontinha de irritação.

— Não que isso seja da tua conta, mas não.

— Não estou a dizer isso. Estou só a fazer conversa.

Não respondo a isto porque é mentira. Qualquer marido recém-divorciado que pergunte à ex-mulher se anda a sair com alguém está a fazer tudo menos conversa casual.

— Mas acho que, a dada altura, vamos precisar de ter uma conversa mais séria acerca de encontros amorosos — diz ele. — Antes que algum de nós traga outras pessoas para junto da Emerson. Talvez estabelecer algumas regras básicas.

Assinto com a cabeça.

— Acho que precisamos de estabelecer regras básicas para muito mais do que isso.

Ele semicerra os olhos.

— Como por exemplo?

— O teu acesso ao meu apartamento. — Engulo em seco. — Gostava de reaver a minha chave.

O Ryle fita-me estoicamente. Depois limpa a boca e diz:

— Não posso pôr a minha filha na cama?

— Não é nada disso que estou a dizer.

— Sabes que tenho um horário de loucos, Lily. Já assim mal consigo vê-la.

— Não estou a dizer que quero que a vejas menos. Só quero a minha chave de volta. Valorizo a minha privacidade.

A expressão do Ryle é tensa. Está chateado comigo. Eu sabia que ele iria ficar chateado, mas está a fazer disto mais do que é. Não tem nada que ver com o querer ou não que ele veja a Emmy. Só não quero que ele tenha acesso fácil ao meu apartamento. Por alguma razão mudei de casa e me divorciei dele

Não será uma grande mudança, mas é uma mudança que precisa de acontecer, ou ficaremos presos para sempre nesta rotina pouco saudável.

— Nesse caso, começo a ficar com ela durante a noite — diz ele, de modo muito convicto, enquanto observa a minha reação. Sei que sente o desconforto em que de repente me afogo.

Mantenho a voz calma.

— Acho que não estou preparada para isso.

O Ryle deixa cair o garfo no prato com um estrondo.

— Se calhar precisamos de alterar o acordo de guarda.

Estas palavras enfurecem-me, mas consigo evitar que a minha raiva transborde. Levanto-me e pego no meu prato.

— A sério, Ryle? Peço-te que devolvas a chave do *meu* apartamento e tu ameaças-me com o tribunal?

Aceitámos o acordo, mas ele está a agir como se este fosse para *meu* benefício e não dele. Sabe que eu podia tê-lo levado a tribunal para obter a guarda total, depois de tudo o que me fez. Caramba, nunca tentei sequer que fosse detido. Devia estar-me grato por ter sido tão generosa.

Quando chego à cozinha, pouso o prato e agarro-me à beira da bancada, afundando a cabeça entre os ombros. *Calma, Lily. Ele está só a reagir.*

O Ryle suspira com pesar e depois segue-me para a cozinha. Encosta-se à bancada enquanto lavo o meu prato.

— Podes ao menos dar-me um prazo? — Fala com uma voz mais baixa. — Quando é que posso ficar com ela durante a noite?

Encosto a anca à bancada e fito-o.

— Quando ela souber falar.

— Porquê?

Detesto que ele precise que eu diga isto em voz alta.

— Para me poder contar, se acontecer alguma coisa, Ryle.

Quando ele compreende verdadeiramente o que digo, morde o lábio inferior e faz um pequeno aceno de cabeça. Dá para ver a sua frustração nas veias que lhe incham no pescoço. Tira as chaves do bolso e retira a do meu apartamento. Atira-a para cima da bancada e vai-se embora.

Quando pega no casaco e desaparece porta fora, sinto aquela familiar pontada de culpa a apoderar-se do meu peito. A culpa

é sempre seguida por dúvidas como «*Estarei a ser demasiado dura com ele?*» e «*E se ele realmente tiver mudado?*».

Sei as respostas a essas perguntas, mas por vezes é bom ler os lembretes. Vou para o meu quarto e tiro a lista do guarda-joias.

- 1) *Ele deu-te uma estalada porque te riste.*
- 2) *Empurrou-te por um lanço de escadas.*
- 3) *Mordeu-te.*
- 4) *Tentou ter sexo à força.*
- 5) *Tiveste de levar pontos por causa dele.*
- 6) *O teu marido magoou-te fisicamente mais do que uma vez. Isto teria continuado a acontecer.*
- 7) *Fizeste-o pela tua filha.*

Passo o dedo pela tatuagem no meu ombro, sentindo as pequenas cicatrizes que os dentes dele lá deixaram. Se o Ryle me fez estas coisas no auge da nossa relação, o que seria capaz de fazer nos piores momentos?

Dobro o papel e volto a guardá-lo no guarda-joias, para a próxima vez que precisar de me lembrar.

SERÁ ASSIM TÃO SIMPLES COMEÇAR DE NOVO?

Depois do seu reencontro inesperado, Lily e Atlas não conseguem parar de pensar um no outro nem em tudo aquilo por que passaram. Mas uma nova aproximação entre eles poderá não ser tão simples como parece. Lily tem de pensar no bem-estar da filha e na reação de Ryle a uma eventual relação com Atlas.

Atlas também está ciente das dificuldades. Sabe que Ryle não irá aceitar facilmente a sua presença na vida da ex-mulher e da filha e não tem dúvidas de que os problemas de comportamento dele não terminaram com o fim do casamento.

Terão Lily e Atlas força suficiente para enfrentar todos os obstáculos que irão surgir pelo caminho?

Não perca nenhum destes romances incríveis!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896237257



9 789896 237257 >